



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS SÃO BERNARDO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**LAIANE NUNES PEREIRA**

**PANDEMIA E SOFRIMENTO SOCIAL: OS EFEITOS DA  
PANDEMIA NA VIDA DE MULHERES NO INTERIOR DO BAIXO  
PARNAÍBA MARANHENSE**

São Bernardo  
2023

**LAIANE NUNES PEREIRA**

**PANDEMIA E SOFRIMENTO SOCIAL: OS EFEITOS DA PANDEMIA NA VIDA DE MULHERES NO INTERIOR DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE**

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão.

**Orientadora:** profa. Dra. Amanda Gomes Pereira

São Bernardo  
2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

Nunes Pereira, Laiane.

PANDEMIA E SOFRIMENTO SOCIAL: : os efeitos da pandemia na vida de mulheres, no interior do baixo Parnaíba Maranhense / Laiane Nunes Pereira. - 2023.  
17 f.

Orientador(a): Amanda Gomes Pereira.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2023.

1. Luto. 2. ; Pandemia. 3. ; Precariedade. 4. Sofrimento social. I. Gomes Pereira, Amanda. II. Título.

---

**LAIANE NUNES PEREIRA**

**PANDEMIA E SOFRIMENTO SOCIAL: OS EFEITOS DA PANDEMIA NA VIDA DE MULHERES NO INTERIOR DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE**

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: profa. Dra. Amanda Gomes Pereira

Aprovada em: **14 / 07 / 2023**

**BANCA  
EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira (UFMA)**  
Doutora em Ciências Sociais (UERJ)

---

**Profa. ma. Isabelle Gonçalves de Souza (C. E. DEBORAH CORREIA LIMA)**  
Mestra em Sociologia (UFMA)

---

**Profa. Dra, Ana Caroline Amorim Oliveira (UFMA)**  
Doutora em Antropologia  
Social (USP)

## **PANDEMIA E SOFRIMENTO SOCIAL: OS EFEITOS DA PANDEMIA NA VIDA DE MULHERES NO INTERIOR DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE**

Laiane Nunes Pereira<sup>1</sup>  
Amanda Gomes Pereira (Orientadora)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo teve como intuito entender as dinâmicas de relações regradadas que surgiram no período da pandemia – e no cenário pós-pandêmico –, ampliando a vivência de um contexto de vulnerabilidade social, com maior exposição dos corpos das mulheres, tornando-as mais suscetíveis a situações de precariedade financeira, emocional e física. Assim, a partir de uma pesquisa qualitativa – aplicada remotamente com alunas do *campus* de São Bernardo/MA, pela plataforma Google Meet, as entrevistas foram feitas com seis mulheres, de diferentes faixas etárias e rotinas distintas, inseridas no projeto “Gênero, vulnerabilidades e desigualdades: a construção de corpos subalternos na Região do Delta das Américas”. Foram apresentados alguns depoimentos que mostraram o sofrimento e a precariedade vividos nesse momento. As sujeitas citadas neste artigo residem na Região Leste Maranhense, com escassez de acesso a emprego e renda antes mesmo da presença do vírus. Essas alunas, mães, chefes de família em sua maioria, foram obrigadas a trabalhar em serviços informais. Devido à falta de acesso a uma forma de renda, algumas tiveram que recorrer a algum auxílio estudantil. Essas questões aprofundaram a falta de renda dessas mulheres, que tiveram que buscar meios para o ganho e o sustento de suas famílias, levando-as a uma dupla/tripla jornada de trabalho de mulheres que possuem atividades dentro e fora dos seus lares, assumindo parcela significativa dos afazeres domésticos. Como conclusão, foi apontado que tal contexto aprofundou as desigualdades sociais entre homens e mulheres da região.

**Palavras-chave:** Luto. Precariedade. Pandemia. Sofrimento Social.

## **PANDEMIC AND SOCIAL SUFFERING: THE EFFECTS OF THE PANDEMIC ON WOMEN'S LIVES, IN THE INTERIOR OF, BAIXO PARNAIBA MARANHENSE**

**Abstract:** This article aims to understand the dynamics of regulated relationships that emerged during the pandemic – and in the post-pandemic scenario –, expanding the experience of a context of social vulnerability, with greater exposure of women's bodies, making them more susceptible to situations of financial, emotional and physical precariousness. Thus, from a qualitative research – applied remotely with students from the campus of São Bernardo/MA, through the google meet platform, the interviews were carried out with six women, from different age groups and different routines, inserted in the project "Gender, Vulnerabilities and Inequalities: the construction of subaltern bodies in the Delta of the Americas Region" Some testimonies will be presented, which show the suffering and precariousness experienced at that moment. Despite the presence of the virus, most of these students, mothers, heads of families, were forced to work in informal services. In the absence of access to some form of income, some had to resort to some student aid. These issues deepened the lack of income for these women who had to look for ways to earn and support their families, leading them to a

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Ciências Humanas/Sociologia, *campus* São Bernardo/MA.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora adjunta de Sociologia no curso de Ciências Humanas, *campus* São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/Gitã. E-mail: agpereiramg@gmail.com

double/triple working day for these women, who have activities inside and outside their homes, taking on a significant portion of household chores. In conclusion, we point out that this context deepened the social inequalities between men and women in the region.

**Keywords:** Mourning. Precariousness. Pandemic. Social Suffering.

## INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19<sup>3</sup> ocasionou uma transformação nas relações e na interação entre os indivíduos, levando, com o passar do tempo, ao surgimento de novas formas de comunicação entre as pessoas. Nesse contexto, a internet desenvolveu uma função relevante para aquela nova realidade, quando o isolamento social se tornou necessário para a preservação da vida, permitindo a continuidade das rotinas de trabalho de parte da população. Todavia, manter a rotina frente à disseminação do vírus, adaptando o trabalho para o espaço da casa, não foi uma realidade para a maioria dos brasileiros que não podiam realizar seus trabalhos de modo remoto. Além disso, havia uma sobrecarga de trabalho feminino e a dedicação a uma dupla/tripla jornada de trabalho por parte das mulheres, em especial, as que eram chefes de família e que tinham a obrigação de proverem seus lares. Assim, Colasante e Pereira (2020, p. 199) destacam que:

A difusão mundial do Corona Vírus em mostrado as dificuldades da população em situação de vulnerabilidade social ao verificarmos que as medidas protetivas se distanciam da realidade de grande parte da população – principalmente quando observamos os municípios sem infraestrutura básica, como rede de água, esgoto, energia elétrica e coleta de lixo.

Portanto, o presente artigo tem o intuito de entender as dinâmicas de relações regradas que surgiram no período da pandemia – e no cenário pós-pandêmico –, ampliando a vivência de um contexto de vulnerabilidade social, com maior exposição dos corpos das mulheres, tornando-as mais suscetíveis a situações de precariedade financeira, emocional e física. Isso a partir de uma pesquisa qualitativa, aplicada remotamente com alunas do *campus* de São Bernardo/MA, pela plataforma Google Meet, por meio de entrevistas e debates com seis mulheres, de diferentes faixas etárias e rotinas distintas, inseridas no projeto “Gênero, vulnerabilidades e desigualdades: a construção de corpos subalternos na Região do Delta das Américas”, projeto que deu origem a este artigo.

Em virtude da pandemia do vírus SARS-CoV-2, optou-se por desenvolver, dentro do grupo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o contato com as sujeitas que estavam sendo entrevistadas, de modo virtual, seguindo as medidas de segurança e a suspensão das aulas presenciais. Dessa forma, elegeu-se para a realização dos encontros virtuais a plataforma do Google Meet. Em contextos de crise, pensar novas

---

<sup>3</sup> A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-COV-2. Essa doença causou uma pandemia que durou três anos, de 2020 a 2022. No ano de 2023, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o fim da pandemia.

estratégias de pesquisa tornou-se imperativo e a internet surgiu como uma ferramenta muito valiosa, sendo utilizada como um recurso para “superar” os desafios advindos da Covid-19. Com a suspensão de todas as atividades acadêmicas e pesquisas de forma presencial, os pesquisadores e pesquisadoras foram levados a se reinventar, realizando as atividades, agora, sob o formato *on-line*. Nesse sentido, Lins, Parreiras, Freitas (2020, p. 1) enfatizam que os pesquisadores:

[...] procuraram na pesquisa mediada pela internet respostas para os desafios colocados pelas restrições de circulação e de contato advindas da pandemia da Covid-19. Em princípio, tal cenário parece instrumentalizar a internet como ferramenta de pesquisa, além de possibilitar um olhar fresco e atual sobre suas potencialidades e limitações em investigações nas Ciências Sociais.

No primeiro encontro do grupo de pesquisa no qual estava trabalhando, logo após a suspensão dos encontros presenciais, já no formato *on-line*, a coordenadora do projeto, professora doutora Amanda Gomes Pereira, fez as colocações de como se daria a continuidade da pesquisa. A professora ressaltou que todas as reuniões do projeto seriam desenvolvidas no formato *on-line*, tanto por meio de reuniões, por diálogos estabelecidos pelo aplicativo WhatsApp ou por correio eletrônico (e-mail). No que se refere à continuidade das atividades e à coleta de dados, essas ocorreriam de modo remoto, por meio de aplicativos e plataformas digitais. Além disso, foi feito um aprimoramento no questionário, elaborado e utilizado durante a fase quantitativa em etapas anteriores.

Com o intuito de aprofundar os dados e compreender a nova “realidade” propiciada pela pandemia, tendo em vista a necessidade de nos adaptarmos àquela realidade social, foram buscadas novas maneiras para a permanência no campo, agora na modalidade virtual. Como ressalta o antropólogo Daniel Miller (2020), mesmo uma realidade como a imposta pela pandemia– em que o isolamento social nos impedia de realizar nossos trabalhos etnográficos de campo invisibilizando sofrimentos generalizados, porém percebidos de modos particulares.

Contudo, para superar os desafios, a internet demonstrou ter um papel crucial como ferramenta indispensável para o desenvolvimento de pesquisas, coleta de dados, além de estar presente na mediação de práticas educativas em todos os níveis da educação, da básica ao ensino superior.

[...] a pandemia da Covid-19 deixou claro o quanto as tecnologias, representadas por seus múltiplos dispositivos e pelas redes de conexões, são fundamentais para as relações que estabelecemos uns com outros e com o mundo. A partir da digitalização de boa parte de nossas atividades – ou migração para formas remotas de interação, se preferimos – fica patente a necessidade de complexificar nosso entendimento dos muitos usos e das

muitas possibilidades oferecidas pela tecnologia e pelo digital (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 2).

percebe-se segundo a citação acima, que a pandemia de Covid-19 submeteu a uma “nova” realidade em que as relações de trabalho, de estudos e pesquisa sofreram um processo de migração para um novo formato. O formato virtual tornou-se, nessa realidade, o “novo normal”, tendo os pesquisadores e todos os setores de serviços e pesquisas que se adequarem às dinâmicas impostas pelas medidas sanitárias.

A chegada da pandemia de Covid-19 nos fez repensar as problemáticas e a vulnerabilidade dos corpos subalternos e a realidade de mulheres que constroem suas vidas no interior do Maranhão, mesmo convivendo com adversidades em decorrência do descaso histórico com relação aos serviços públicos. Como habitar esses espaços de precariedade de serviços de saúde, saneamento básico e acesso à água potável em tempos de isolamento social e de crescente desigualdade social? Os efeitos da pandemia ampliaram a percepção e as consequências da desigualdade.

Segundo Colasante e Pereira (2021, p. 205-206): “[...] a partir da pandemia as condições de trabalho das mulheres passaram por transformações gerando maior sobrecarga”. As autoras destacam ainda que há um maior desgaste das mulheres entrevistadas durante a pesquisa, decorrente da carga horária de trabalho excessiva e exaustiva, uma vez que além de trabalhar fora elas ainda são responsáveis por realizar o trabalho doméstico, na sua residência. Uma realidade presente em quase todo o país se reproduz sem questionamentos em cidades de pequeno porte, como São Bernardo/MA – com seus cerca de 28 mil habitantes –, em que as desigualdades de gênero se manifestam principalmente no âmbito privado. Essas mulheres, sujeitas a tais relações desiguais, em sua maioria, definem-se como negras e pardas e possuem renda em torno de um salário mínimo – semelhante à renda média da cidade, cerca de um salário e meio. Isso proporciona um desgaste tanto físico quanto psicológico nessas mulheres, além dos problemas desenvolvidos por causa da Covid-19, como o medo de ir ao hospital, as incertezas sobre o futuro e a familiaridade quase que diária com o luto e as perdas. Vale ressaltar que as participantes citadas neste artigo são estudantes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde eram bolsistas do foco acadêmico. Esses foram os critérios que nos levaram até essas seis mulheres que aceitaram fazer parte da pesquisa.

Destacando como a pandemia mudou as relações sociais e expôs as relações desiguais que marcam o capitalismo, mostrando que os principais grupos afetados com a pandemia são aqueles que residem nas comunidades marginalizadas e, por isso, não contam com o amparo do Estado ou das políticas públicas, capazes de mitigar os efeitos de medidas sanitárias pensadas

para o Norte global e que não se adequam aos contextos sociais do Sul da pandemia. A autora Veena Das, por sua vez, sublinha que se as medidas foram eficazes para conter o vírus em Wuhan, foco inicial da doença, em assentamentos urbanos precários na Índia, entretanto: “[...] a implementação do *lockdown* sem a infraestrutura necessária gerou dificuldades em massa que estamos ainda por avaliar (DAS, 2020, p. 5).”

Mesmo com as restrições que impactaram o cotidiano das comunidades marginalizadas de modo diferenciado, há o intrigante caso do estado do Maranhão que, apesar de concentrar os municípios com menores Índices de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM), apresentou baixos índices de mortalidade por 100 mil habitantes. Esses dados nos levam a considerar diferentes nuances, até o momento não apontadas. Com todo esse contexto que o grupo de pesquisa no qual estava, pessoalmente, integrada proporcionava, conversei com minha orientadora, que também era a coordenadora do grupo de pesquisa, sobre levar os dados do projeto para ser material da pesquisa de defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Daí surgiu a ideia de fazer este artigo, com os dados coletados no grupo de pesquisa.

Os pontos aqui levantados compõem o plano de fundo para pensarmos a pandemia no estado do Maranhão e, em particular, nas regiões das imediações do Baixo Parnaíba<sup>4</sup> Maranhense, tendo como ponto focal da pesquisa as vivências de mulheres, estudantes e beneficiárias de programas sociais e/ou bolsas estudantis, em sua maioria, mães e chefes de família. O intuito deste artigo é descrever como a pandemia gerou sentimentos parecidos em pessoas distintas, ao ponto de compartilharem o mesmo sentimento de dor, luto e sofrimento social.

## **AS CONSEQUÊNCIAS DA COVID-19 NO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE: PENSANDO AS DESIGUALDADES DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA**

O estado do Maranhão, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), possui o pior percentual de analfabetismo do país, 16,6% da população. Dentro desse percentual estão mulheres que interromperam os estudos devido à gravidez precoce e ao casamento na adolescência. Com relação a essa triste realidade, infelizmente: “O Brasil ocupa o quarto lugar no mundo em números absolutos de mulheres casadas até os 15 anos. São 877 mil mulheres com idades entre 20 e 24 anos que se casaram na infância, segundo

---

<sup>4</sup> Baixo Parnaíba Maranhense é uma microrregião no Leste Maranhense, tendo como município-sede e mais populoso Araióses. Os municípios que o compõem são: Água Doce, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria, Santana e São Bernardo.

a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNAD)”. Segundo dados dessa pesquisa, o estado do Maranhão novamente ocupa o primeiro lugar do *ranking* em casamento infantil no país. Esse quadro interfere no projeto de vida dessas mulheres, que possuem um campo de possibilidades e de experiências bem mais restrito do que os homens. As possibilidades dadas a elas de acessarem universidades e carreiras profissionais se tornam mínimas e ainda se perpetua a percepção de que elas estão destinadas ao serviço doméstico, precário, informal e, muitas vezes, mal remunerado ou não remunerado.

A pandemia agravou a situação de vulnerabilidade e invisibilização das mulheres maranhenses que, desde jovens, veem-se enredadas em relações conjugais pautadas em um modelo patriarcal. Uma das características fundamentais no processo de empoderamento feminino passa pelas práticas de visibilização da causa e da luta das minorias étnicas e de gênero que se contrapõem aos discursos homogeneizantes acerca de seus gêneros e corporeidades. Os silêncios seculares que submetem as mulheres aos espaços domésticos, deslocadas dos espaços públicos de decisão, impedem a formação de agendas que promovam a equidade de gênero em diferentes regiões do país (FERREIRA, 2007). A socialização tradicional impõe às mulheres que abdicuem de certos prazeres e que fiquem confinadas a certos ambientes (CARDOSO, 1985, p. 16). Sair do confinamento que lhes é imposto social e politicamente produz incômodos aos homens, pois sentindo-se “ameaçados, tentam coibir os avanços das mulheres através de diferentes formas de violência” (FERREIRA, 2007, p. 159).”

No momento atual de difusão do novo corona vírus, as mulheres de São Bernardo, Nordeste do Maranhão que, em meio a pandemia, se arriscam para garantir a manutenção e “sobrevivência” de suas famílias, fazem porque por meio de uma opressão sistematizada, são obrigadas a se sentir supérfluas, ocupando o lugar do inferior desumanizado (PEREIRA; COLASANTE, 2020)

O município de São Bernardo tem como estimativa populacional em torno de 28 mil habitantes, sendo que desses apenas 5,1% estão ocupados em trabalhos formais, ganhando em média um salário mínimo e meio. Por outro lado, o percentual da população que ganha até meio salário mínimo é de 53%. Segundo dados do último censo, como destacam Pereira e Colsante (2020), 11,1% tem tratamento de esgoto adequado (IBGE, 2017). Com relação ao abastecimento de água, o atendimento é ofertado de maneira parcial pela Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (Caema). No perímetro urbano, 56% da população tem acesso ao sistema de água encanada, um número muito abaixo do desejável. A situação se agrava quando buscamos os dados da região campesina, em que apenas 47% da população possui acesso satisfatório a partir

de poços coletivos e individuais.

O Maranhão foi o primeiro estado a decretar *lockdown*. Nesse cenário, percebe-se que, em muitos casos, trabalhadoras com pouca escolaridade, chefes de família e mães, que vivem com receio de expor sua família ao vírus, não têm a escolha a não ser exporem, uma vez que a necessidade de alimentar seus filhos e filhas tornou-se uma questão de urgência. Essas mulheres encontravam-se no meio dessas duas e mais difíceis escolhas, fazendo com que a fragilidade do nosso sistema para pessoas economicamente vulneráveis seja evidenciada.

O vírus não discrimina, poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente. Por conta da forma pela qual ele se move e ataca, o vírus demonstra que a comunidade é igualmente precária (BUTLER, 2020, p. 62).

As desigualdades vivenciadas por mães/mulheres no município de São Bernardo e cidades vizinhas, que adentraram no ensino superior, são múltiplas, tendo em vista que muitas enfrentaram inúmeros desafios e dificuldades tanto de cunho financeiro quanto acadêmico durante todo o processo de sua graduação. Esses problemas incidem diretamente em suas escolhas de permanência no ensino superior. O fato de muitas dessas estudantes serem mães de família e as principais – quando não as únicas – provedoras de suas famílias, o sonho da formatura, como uma etapa importante para ingresso em uma carreira, constrói-se a partir de inúmeros empecilhos. Nesse aspecto, é importante destacar as dificuldades enfrentadas por elas na conciliação entre trabalho doméstico, trabalho fora de casa e vida acadêmica. As tarefas domésticas são naturalizadas como sendo “dever” das mulheres. Durante a realização do grupo focal, uma das participantes, ao ser questionada sobre o trabalho doméstico e sobre a divisão entre os moradores das atividades, respondeu da seguinte maneira:

*[...] A minha a parte continua sendo, [...] que aqui a gente dividiu o trabalho, eu fico na área de lavanderia e lavo a louça, acordo 4 horas, o que tiver sujo na cozinha é comigo. Bia<sup>12</sup> é na parte de arrumação na casa e minha mãe ajuda em algumas coisas, às vezes ela faz o almoço ou não, mas minha função ainda é a cozinha e a roupa. Mas, assim, minha mãe me ajudando. E ainda tá sendo do mesmo jeito, o marido fica mais na rua. Isso quando ele não tá doente, tá dentro de casa e quando tá bom tá na rua, e é só isso! (Bárbara, branca, 47 anos).*

O espaço doméstico é naturalizado como de responsabilidade da mulher, sendo este trabalho doméstico percebido como feminino e não compreendido como outros trabalhos realizados fora de casa, naturalizado até mesmo pelas próprias mulheres. Percebe-se que “[...] o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO,

2017, p. 71). Assim, compreende-se que o lugar e as relações estabelecidas por essas mulheres permitem a elas um olhar diferenciado sobre essas relações, entretanto, elas não necessariamente são críticas ao lugar que ocupam na trama de poderes engendradas no espaço doméstico.

Algumas dessas estudantes recebem bolsas e auxílios<sup>5</sup>, possibilitando que elas dediquem um maior tempo aos seus estudos. Porém, essa não é uma realidade de todas as estudantes-mães da UFMA. O valor de algumas bolsas chega a 400 reais – valor considerado razoável, pensando na realidade de São Bernardo, em que a média de ganho das pessoas é de até meio salário mínimo. Entretanto, com o aumento razoável os alimentos tidos como fundamentais para a alimentação os brasileiros, como a carne bovina, fica difícil a manutenção da vida de maneira digna. Esse valor proveniente do auxílio apenas dá para comprar parte do necessário para sua subsistência e da sua família.

Nos setores informais e nos serviços pouco valorizados no município de São Bernardo, no Maranhão/Brasil – local onde trabalhamos – encontramos mulheres que se dedicam ao trabalho doméstico como diaristas e que, por serem chefes de família, não podem abdicar de realizar esses serviços, se arriscando por uma diária de R\$ 35,00 – média paga pelos moradores da cidade pela realização desse serviço, segundo relato da diarista Noélia que presta serviço para um grupo de professores e funcionários liberais que atuam na cidade (COLASANTE; PEREIRA, 2021, p. 199).

Percebe-se que os auxílios exercem uma grande relevância, sobretudo pensando a continuidade dessas mulheres no espaço acadêmico, haja vista que apesar de o valor ser razoável, torna-se fundamental, pois permite que elas dediquem maior tempo aos seus estudos. As mulheres se veem obrigadas a se expor frente ao vírus, visto que em muitos casos elas são as provedoras, sendo delas a responsabilidade de colocar a “comida na mesa”. Como as autoras destacam, o valor da diária é de R\$ 35,00, bem abaixo da gratificação que um trabalho tão exaustivo merece. As autoras sublinham ainda:

Das mulheres que possuem emprego, 41% afirmaram estar trabalhando mais. No entanto, essa realidade não é a mesma para todas. Os dados mostram que as mulheres negras e residentes em áreas rurais assumiram mais responsabilidades de cuidado. Além disso, as mulheres negras parecem ter menos suporte nestas tarefas, ampliando os espaços, sentidos e experiências de cor. Para as que trabalham em home office, o estudo também indica que a jornada dupla igualmente aumentou, sem a ajuda de membros da família nas tarefas rotineiras (COLASANTE; PEREIRA, 2021, p. 206).

---

<sup>5</sup> Algumas dessas estudantes recebiam auxílios estudantis, proporcionados pela própria universidade, auxílios esses com o foco acadêmico, no qual a universidade tem o objetivo de possibilitar aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, experiências em projetos de ensino, pesquisa e extensão, a fim de contribuir com o fortalecimento da formação.

Nota-se que existem um grupo e uma classe cujas dinâmicas de poder os tornam ainda mais vulneráveis, especialmente em momentos de crise econômica e sanitária. Não há uma gama de alternativas destinadas a essas mulheres. Mesmo para mulheres que trabalham de forma *on-line*, sempre são elas que fazem o trabalho doméstico, acumulando uma dupla jornada de trabalho. O trabalho doméstico realizado em casa por mulheres não é “trabalho remunerado”, sendo considerado “dever” ou visto por elas como forma de demonstração de afeto por seus filhos, filhas e companheiros. Contudo, como destaca Silvia Federici (2004, p. 167): “ Estado privou-as da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado, além de confinar as mulheres à atividade reprodutiva de um modo desconhecido por sociedades anteriores”.

A pandemia criou meios propícios para o aumento de casos de violência, vulnerabilidades e desigualdades contra a mulher durante a quarentena. Com o isolamento social, as mulheres se viram confinadas dentro de suas próprias casas, estando, dessa forma, mais propensas a sofrerem violência doméstica. Dessa maneira, como se encontram mais dependentes financeiramente dos seus companheiros, a exposição do corpo da mulher perante todas essas relações acaba sendo mais uma violência somada ao silenciamento. Nesse sentido, Ribeiro (2017, p. 63) enfatiza que:

Como explica Collins, quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitiram não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.

Com a pandemia, veio o silêncio das mulheres que historicamente sempre foram e excluídas de locais quando lutavam por seus direitos. Por isso a urgência de propormos projetos de pesquisa e ações de extensão que contribuam para a reflexão das formas de exclusão e opressão que contribuem para a perpetuação das desigualdades de gênero.

A pesquisa buscou compreender essas novas relações que surgiram durante a pandemia, criando mais vulnerabilidades sociais e a exposição do corpo feminino, ampliando os tipos de violências físicas e simbólicas vivenciadas pelas mulheres tanto nos espaços públicos quanto no espaço doméstico. Sobretudo, a partir do desenvolvimento e da aplicação de grupos focais – desenvolvidos de modo remoto, com um grupo de estudantes, participantes do foco acadêmico da UFMA/São Bernardo –, procurou-se analisar como a pandemia transformou suas realidades, tanto na vida acadêmica como nas relações dentro de casa.

Ao refletir sobre a vulnerabilidade social dos corpos femininos, durante a pandemia, entendeu-se que as mulheres se encontram mais suscetíveis a relações de desigualdade dentro e fora de casa, uma vez que além do trabalho exercido fora do ambiente doméstico, esses serviços foram naturalizados como “responsabilidade” da mulher, fruto de uma dupla/tripla ou mais jornada de trabalho. Com a pandemia, ocorreu um desenvolvimento de sentimentos, de luto e de sofrimento social, gerando efeitos em suas rotinas cotidianas. Esses sentimentos que começaram a fazer parte da realidade dessas mulheres, com o passar do tempo e o isolamento social, marcaram o surgimento de emoções, tais como: ansiedade, tristeza, apatia, falta de estímulo, cansaço, privação do sono, medo da doença e de ter que ir ao hospital, além de frustração com relação às incertezas diante do futuro.

## **OS CAMINHOS DA PESQUISA: APRESENTANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

Os dados aqui apresentados foram coletados juntamente com o projeto “Gênero, vulnerabilidades e desigualdades: a construção de corpos subalternos na Região do Delta das Américas”, coordenado pela professora doutora Amanda Gomes Pereira. Houve atividades realizadas de forma remota, em parceria com a doutora Tatiana Colasante, professora do curso de Turismo, *campus* São Bernardo. Em um primeiro momento, foram elaboradas perguntas abertas e amplas com o intuito de mapear o impacto da pandemia na vida das estudantes de maneira a abarcar uma multiplicidade de elementos. A colaboração com a doutora Tatiana Colasante levou à elaboração de um questionário com pautas ligadas a uma proposta interdisciplinar – a Sociologia e o Turismo. Esse questionário foi usado nas entrevistas e buscou compreender as mudanças na vida das participantes causadas pela pandemia do novo coronavírus. Nesse sentido, foram levantadas questões sobre trabalho, renda, acesso à internet – fundamental para a manutenção dos estudos – e, de maneira sutil, violências cotidianas, principalmente físicas e simbólicas, presentes em suas rotinas (e que afetam sobremaneira a saúde mental dessas mulheres).

Evidenciou-se que a pandemia e a quarentena deixaram as mulheres ainda mais expostas à violência doméstica e ao acúmulo nas tarefas de casa, uma vez que estas ficaram mais restritas à vida doméstica, conseqüentemente, estão vulneráveis a todo tipo de violência, causando um esgotamento físico e mental, já que são raros os casos onde é possível evadir-se desse efeito causado pela pandemia. Tal efeito de encolhimento social também é percebido por Butler (2020, p. 61): “[...] Somos solicitados a nos recolhermos em unidades familiares, espaços de moradia ou domicílios individuais, privados de contato social regados e esferas de relativo isolamento.”

A pandemia afetou a rotina das mulheres nas relações domésticas, na vida econômica e, com o passar do tempo, trouxe um sentimento de trauma/medo de hospital, luto e outros sentimentos que foram agravados com o isolamento e a quarentena: “*Pra mim afeta, sim, porque, com essa pandemia, eu até adquiri um problema de ansiedade. E é muito ruim, tento controlar já, com tantas preocupações sobre como que vai ser, o que que vai acontecer*” (BRUNA, 22 anos).

Com a quebra da rotina e com as incertezas dos dias futuros, o sentimento de incapacidade trazido pela ansiedade toma conta dessa participante, que relatou sua experiência sobre como adquiriu tal transtorno. O trauma do hospital, como serar destacado a seguir, causado por um sentimento de medo da doença, da morte e dos riscos de contaminação, bem como dos efeitos da vivência do luto coletivo.

Assim, mesmo que a pessoa esteja doente, há uma rejeição de procurar o hospital pelo medo de contrair a Covid-19 ou por demonstrar sintomas de gripe e tirar conclusões de que os médicos, ao perceberem esses sintomas, assumirão determinados protocolos que, apesar de serem fundamentais para salvar vidas, são vistos pelas pessoas leigas como gatilhos da morte (como a intubação e a respiração mecânica). Além da questão que foi colocada, a participante fala que foi uma sobrecarga para ela, visto que esses acontecimentos influenciaram diretamente a sua vida acadêmica. Na fala de Bárbara (branca, 47 anos), é apontado que:

*[...] porque você tendo de escrever, tendo de ler[...] Eu tive uma semana que, fui correr atrás dos livros, porque ‘eu tava’ lendo uma coisa e era outra [...] Eu tive uma semana pra arrumar livro pra ler e o marido doente, gritando, falando que ‘tava morrendo’, não podendo ir para o hospital [...] Porque no hospital a gente pensa, a gente aqui dentro de casa, a gente vê o que tá acontecendo no mundo, as pessoas que chegam no hospital, a pessoa vai com uma doença e já sai com outra. E é intubado [...] Já vem namente, ‘se for intubado a gente não volta mais’. Então, isso tudo mexe. Eu falei: – ‘Meu Deus!’ Porque quando ele fica doente ele também fica com falta de ar, entendeu? Pronto, se eu levo ele para um hospital, o que vai acontecer? Ele fala que não quer ir para o hospital. A gente, ao mesmo tempo, pensa, se ele for, ele, com falta de ar, ele já sente há um tempo atrás, vai piorar. Acredito que isso tudo tenha mexido comigo nessa semana do primeiro capítulo [está fazendo referência à escrita da sua monografia].*

A situação da Bárbara, com o seu esposo doente, demonstra como foi ainda mais complicado estabelecer estratégias de sobrevivência durante a pandemia da Covid-19. Nesses casos, em que já existia um histórico clínico de adoecimento relacionado a problemas pulmonares, o receio de se contaminar pelo vírus, e de vir a falecer, ampliou a vivência do sofrimento por parte da família. A presença de um morador, na residência, com comorbidades limitou ainda mais o acesso aos espaços externos da casa para obtenção de renda, trabalho e formas de lazer. No seu caso, as possibilidades de distração encontradas concentraram-se nos

seus passeios matutinos de bicicleta – atividade física e de entretenimento. Contudo, permaneceu o convívio com o medo, com as angústias relacionadas às incertezas do futuro, claramente percebidas em sua fala: “[...] receio de ir ao hospital e não retornar, receio de ser intubado, receio de não finalizar a monografia e obter o tão sonhado diploma de graduação”. Somado a esses sentimentos, após o decreto que suspendeu as aulas da UFMA, que representava parte significativa em sua vida cotidiana, ficou a sensação de vazio e desamparo em meio ao rompimento abrupto dos laços estabelecidos com os colegas discentes e com os docentes.

A pandemia também afeta de forma brusca a renda familiar, principalmente de trabalhadores informais e dos que dependem da roça e da venda da sua colheita para ter dinheiro e ajudar no sustento da casa, como vai relatar Simone (25 anos).

*Então, eu acho que, a pandemia para a casa, ela foi diretamente mais na renda da gente porque a gente em casa era um pouco informal, porque meu padrasto é pedreiro, só que ele não é carteira assinada, mas ele trabalhava aqui. Mas com essa epidemia em São Bernardo... ela está sendo um pouco mais afetada que o Baixo Parnaíba, ele não tem trabalhado. E a renda dele mais era isso. E a minha mãe também, ela só recebia a Bolsa-escola, e a renda maior era a dele. E eu não trabalho, nem as minhas duas irmãs, uma menor, ela não trabalha, a gente não trabalha. E a mãe vendia era algumas frutas que tem aqui no sítio, aqui no terreno, quer dizer. Então, de uma forma direta afetou a gente. Nem com esse dinheiro que o governo botou, mas não foi o necessário, porque tem várias outras dívidas que a gente tem, outras prioridades que a gente tem. Então pra gente eu acho que foi diretamente, porque são muitas pessoas que moram aqui em casa, que têm que comer todo dia, tomar café. E não é só isso: tem o básico também.*

Nesses relatos das participantes citadas, nota-se que a pandemia afetou todos de forma distinta, porém todas compartilhavam o mesmo sentimento. Além de Barbara, Bruna e Simone, ainda contamos com mais três participantes em nossa pesquisa.

**Quadro 1** – Dados sobre as participantes dos grupos focais

NOME	IDADE	RAÇA	GÊNERO	ESTADO CIVIL	CIDADE	OCUPAÇÃO
Mariana	24	Branca	Feminino	Solteira, sem filhos	São Bernardo	Emprego informal
Simone	26		Feminino	Solteira, sem filhos	São Bernardo	Emprego informal
Iris	28	Parda	Feminino	Casada, sem filhos	Magalhães De Almeida	Empregada
Bruna	22	Parda	Feminino	Casada, sem filhos	São Bernardo, povoado Baixa Grande	Agricultora e Professora de catecismo, bolsista
Flavia	41	Parda	Feminino	Casada, três filhos	São Bernardo	Auxiliar de sala de aula
Barbara	47	Branca	Feminino	Casada, dois filhos	São Bernardo	Auxiliar de sala de aula

Fonte: Grupo focais.

Percebe-se que há um maior desgaste na mulher, em virtude da sobrecarga que fica sobre ela; o caso da Barbara ainda tem de cuidar de um doente da casa. Há um acúmulo de funções e tarefas desenvolvidas pela mulher ao mesmo tempo. Desse modo, a mulher se torna o pilar da casa ao desempenhar todas essas funções. “Retirada dessas relações, ela não é mais companheira do homem do que o ouro, em si mesmo, é dinheiro” (RUBIN, 1993). Percebe-se que a sua importância é sempre relegada para o segundo grupo. Em nossa sociedade, em suas relações diárias, a mulher sempre é tida como a companheira do homem.

Essa situação vivida pelas mulheres é observada em estudantes da Universidade Federal do Maranhão do campus São Bernardo no interior do estado. Com a suspensão das aulas na primeira quinzena de março de 2020, percebeu-se uma ruptura dos laços de sociabilidade entre os alunos e uma ressignificação da sua rotina, resultando em quadros de depressão, tristeza, incertezas e falta de perspectivas em função de perdas materiais como trabalho e renda. Em uma cidade em que a maioria das pessoas trabalha na informalidade, a universidade, para essas pessoas, é vista como uma oportunidade de sair dessa situação, trazendo perspectivas de conseguir um emprego com carteira assinada e auxiliando os familiares financeiramente (COLASANTE; PEREIRA, 2021, p. 206).

O que se percebe nos depoimentos das participantes demonstra que além da sobrecarga de trabalho vivenciada por mulheres, elas ainda passaram a conviver com a presença do medo do luto diário, o medo de hospital e dos demais espaços destinados ao tratamento da doença. Incertezas que fizeram parte da vida dessas mulheres, colocando vários elementos da

manutenção dos seus projetos de vida em suspenso, impossibilitando planos futuros, questionamentos sobre a continuação dos estudos, sobre a garantia financeira – visto que a universidade é vista como uma oportunidade de buscar mudanças da sua realidade. Com as aulas<sup>6</sup> sendo realizadas de forma remota, fica complicado para essas alunas, já que elas não possuem ferramentas que possam auxiliar no acompanhamento das aulas, tais como: acesso à internet, celular ou *notebook* que permitam assistir os conteúdos na modalidade remota.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados usados para o presente artigo foram coletados de forma *on-line*, a partir de um projeto de pesquisa no qual eu estava, pessoalmente, inserida por meio da bolsa de estudos PIBIC, que se iniciou de forma presencial, porém com a pandemia teve de ser realocado para a forma remota propiciando assim a continuidade da pesquisa na modalidade remota, sendo a utilização de questionário e os grupos focais os recursos acessados para a continuidade dos trabalhos. No decorrer da pesquisa, constataram-se as desigualdades nas relações de gênero, sobretudo nas tarefas de casa, que acabam ficando a cargo da mulher – além da maior exposição da mulher ao vírus, já que na região são elas, em grande parte, as responsáveis pela economia da casa.

No decorrer da pandemia, criou-se um sentimento de incerteza em virtude da pandemia, principalmente no que se refere a procurar um hospital, causando medo, como foi destacado na fala de Bárbara, uma das participantes do grupo focal (grupo de pesquisa do foco acadêmico, do qual Barbara participava). Somado a isso, existem as incertezas sobre a continuação dos estudos, marcada por desigualdades socioeconômicas relacionadas aos índices de evasão que impactam os projetos de vida dessas mulheres, diminuindo o campo de possibilidades. Nota-se que a pandemia, além de agravar as desigualdades de gênero, ampliou a vulnerabilidade feminina, erando incertezas sobre o futuro de suas vidas e de seus familiares.

Por meio da oportunidade que me foi dada de participar do projeto de pesquisa PIBIC, comecei a ler e a estudar sobre as participantes, quando me vi com a necessidade de fazer um trabalho com o olhar voltado para as necessidades que foram citadas no decorrer deste artigo. Com isso, o interesse de escrever sobre, mostrar e dar voz a essas mulheres e mostrar para tantas outras que elas não estão sozinhas em relação às vivências que a pandemia trouxe.

Com o desenvolvimento do projeto de pesquisa, concluiu-se que a vulnerabilidade dos

---

<sup>6</sup> Em certo momento após a volta das aulas em formato remoto, a UFMA chegou a disponibilizar equipamentos digitais para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

corpos femininos, tanto nas relações dentro como fora de casa, proporcionada pela desigualdade de gênero e social, tornaram-se ainda mais claras com a Covid-19. A pandemia expôs a verdadeira face do capitalismo, impactando a vida de grupos minoritários, localizados em comunidades marginalizadas. Mesmo as medidas de isolamento social privilegiaram determinados grupos e foram pensadas para eles, não estando de acordo com a realidade da maior parte das pessoas que não possuem acesso a serviços básicos, como água potável, encanada e rede de saneamento básico. Mulheres, enquanto chefes de família, veem-se obrigadas à exposição ao vírus, uma realidade muito diferente dos “chefes/patrões” delas que podem trabalhar e acompanhar tudo no conforto de suas residências por meio do acesso a uma internet de qualidade, sem precisar ter qualquer contato com outras pessoas. A elas cabe a difícil tarefa de escolher entre lutar para garantir o sustento diário de suas famílias ou se isolar e manter segura a sua vida e a de seus filhos e filhas. Uma luta diária pela (re)existência, com práticas cotidianas de resistência.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith et al. *Sopa de Wuhan: pensamentos contemporâneos em tempos de pandemia*. Buenos Aires: Editora La Plata, 2020.

CARDOSO, Ruth. Prefácio. In: CARDOSO, Ruth. *Perspectivas antropológicas da mulher: sobre mulher e violência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. v. 4.

COLASANTE, Tatiana; PEREIRA, Amanda Gomes. Gestão da vida e da morte no contexto da Covid-19 no Brasil. *Revista M*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 198-213, 2021.

DAS, Veena. Encarando a Covid-19: meu lugar sem esperança e desespero. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social: reflexões na pandemia*, Rio de Janeiro, p. 1-8. 2020.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FERREIRA, Mary. *As caetanas vão à luta: feminismo e políticas públicas no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, Grupo de Mulheres da Ilha, 2007.

LINS, Beatriz Accioy; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-10. 2020.

MILLER, Daniel. *Notas sobre a pandemia: como conduzir a pandemia durante o isolamento*. [S. l.]: Blog do Sociofilo, 2020. Disponível em: [https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller\\_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf](https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf). Acesso em: 3 set. 2021.

PEREIRA, Amanda Gomes; COLASANTE, Tatiana. *A luta de mulheres no interior do interior do Maranhão*. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 27 de novembro de 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: [s. n.], 1993. Edição S.O.S CORPO.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.